

## **Ideal de beleza: disseminação de uma proposta ou de uma imposição?**

Camila Parente da Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como principal objetivo questionar o porquê da necessidade em disseminar certos comportamentos, relacionados aos cuidados de si, entendidos, pela sociedade brasileira e imprensa e manuais de comportamento das décadas de 1950 e 1960, como mais apropriados, a partir da problematização dos guias *Biblioteca do Lar*, *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar*, *O Livro Azul da Mulher* e a revista *Claudia*. O processo de embelezamento, ao longo do século XX, vai se constituindo segundo padrões construídos, por exemplo, pela imprensa e guias, que disseminavam conselhos sobre o que fazer para tornar-se bela, admirável, atraente, como controlar o corpo a fim de conseguir esses mesmos fins, quais produtos comprar para auxiliar nesse processo etc. Durante as décadas de 1950 e 1960, o casamento, maternidade e trabalho doméstico eram entendidos como as razões da felicidade do sexo feminino. Acrescido às prendas, no entanto, era essencial que ela conseguisse manter ou buscar ter uma boa aparência, visto que fazer-se bonita auxiliava a conservação do casamento – a esposa conseguiria prender a atenção do marido e diminuiria as chances de perdê-lo. O processo de embelezamento é apresentado para a mulher como algo que poderia ser adquirido e cultivado, dependendo, para isso, somente da disponibilidade dela para organizar-se a fim de conhecer as técnicas (divulgadas em manuais de comportamento e revistas), obter recursos para comprar os produtos de beleza ou fazê-los, e dividir o seu tempo, ao longo do dia, entre os cuidados de si e os afazeres domésticos. Desse modo, é interessante acentuar que o estudo acerca do embelezamento, para além de destacar alterações na aparência dos indivíduos, confere vestígios sobre distintos momentos da vida, no caso, das mulheres – o que pode ser analisado a partir da problematização das produções de sentido erigidas em torno do ato de embelezar-se proposto para elas, por manuais de comportamento e imprensa.

**Palavras-chave:** Mulheres. Comportamento. Discurso.

Ao longo do século XX, o processo de embelezamento idealizado para as mulheres, sobretudo as que pertenciam à classe média e alta, passou por transformações significativas. Conforme Eco (2014), não se pode pensar que a Beleza é absoluta e imutável; ao contrário, ela denota distintos sentidos no decorrer do tempo e vincula-se a diferentes períodos históricos e países – portanto, não se pode pensar em uma linearidade histórica dessas transformações.

Durante a década de 1950, os conselhos de beleza, no caso do sexo feminino, relacionavam-se a aspectos como ser limpa, estar atenta aos lançamentos dos

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pela Universidade Estadual do Ceará. Bolsista do Programa de Demanda Social/CAPES/UECE. Email: camila.parente@globocom

produtos de higiene e beleza. *O Livro Azul da Mulher*, de 1956, em seu sexto capítulo, intitulado “Logo depois, o asseio”, corrobora esse discurso ao afirmar a importância do banho diário, por questão de saúde e para o alcance do embelezamento.

De acordo com Mello (1998), na década de 1950, a instalação de setores da indústria com tecnologias mais avançadas proporcionou o surgimento/expansão de indústrias como da petroquímica, dos aparelhos eletrodomésticos, dos alimentos industrializados, e, também, dos produtos de higiene e limpeza pessoal e da esfera doméstica; o que auxiliou a transformação dos hábitos de higiene de homens e mulheres, haja vista a difusão de produtos como shampoo, cotonete, fio dental, pasta de dente, escova de dente, absorvente, tintura para cabelo, secador de cabelo etc.

Tais aspectos (ser limpa e estar atenta aos lançamentos dos produtos de higiene e beleza), no entanto, associavam-se mais ao controle do corpo, sob vertente física e emocional. Na imprensa, especialmente a feminina, e em manuais de comportamento/guias da época, recomendava-se treinar gestos e posturas em âmbito doméstico, detalhava-se a maneira como a mulher deveria comportar-se e cuidar de si e aconselhava-se a administrar as emoções.

Salienta-se que uma parte significativa das dicas de embelezamento visava à manutenção ou o alcance do matrimônio – era necessário orientar as mulheres para a construção de um lar feliz e harmônico. Assim, observa-se a disseminação, nos veículos de informações acima mencionados, de conselhos sobre como cuidar do corpo, da maciez da pele, da higiene cotidiana etc. O asseio diário, proposto pelo capítulo “Logo depois, o asseio”, d’ *O Livro Azul da Mulher*, bem como o uso do desodorante, a retirada de pelos da axila, pernas, braços e rosto, o clareamento dos pelos da pele, a ida ao dentista, o ato de escovar os dentes, é apontado como um fator fundamental para obtenção da boa aparência e para o relacionamento conjugal.

O ideal de beleza proposto pelo *O Livro Azul da Mulher* vincula-se a saúde e comportamento. Em suas páginas o guia transmitia a idéia de que era necessário manter uma boa saúde com o intuito de conservar bem o cabelo, a pele, as unhas; e estar atenta aos mínimos detalhes de seu comportamento, uma vez que ele concedia indícios sobre sua vida (ex: relacionamento com a família, status social, associação ao ideal de boa mãe, esposa e dona de casa).

Nesse sentido, é interessante atentar para um trecho do primeiro capítulo do guia *O Livro Azul da Mulher*, intitulado “Faça o seu programa”, que busca demonstrar para a leitora que toda mulher poderia ter sucesso, ser importante, atraente e encantadora. Para alcançar esse objetivo, no entanto, ela teria que seguir pontualmente as orientações de Verônica Dengel, assumir o compromisso de mudança consigo mesma e organizar o seu tempo ao longo do dia.

Encanto é uma força profunda que controla seus impulsos. Ela disciplina seu espírito e dirige-lhe os atos de tal maneira que sempre você diz o que deve, e faz o que deve, e é o que deve ser. Ser encantadora quer dizer saber o que fazer e como fazê-lo, e então fazê-lo graciosamente, inconscientemente. (O LIVRO AZUL DA MULHER, 1956, p. 15)

Bourdieu (2014) assinala que a condição de predominante e universal que o masculino havia adquirido inscreveu nos corpos, femininos e masculinos, os signos de uma ordem social masculina que regulavam condutas. À mulher era preferível, de acordo com *O Livro Azul da Mulher* e com a sociedade brasileira da época que almejava um modelo ideal de mulher, o comedimento dos atos e a anulação de si (“[...] sempre você diz o que deve, e faz o que deve, e é o que deve ser.”) para que se pudesse moldá-la a um padrão de feminilidade, cujos anseios principais eram o casamento e maternidade.

Como indica Vigarello (2006, p. 180), a propagação de múltiplas técnicas e variedades do processo de embelezamento, a exemplo das práticas de consumo, fez com que se propusesse para as mulheres o empreendimento em um investimento particular na imagem individual e seu sentido. Já não era mais dito ao indivíduo o que ele deveria ser, e sim que ele é o responsável por suas maneiras de ser, por suas “imagens”.

A leitora d’ *O Livro Azul da Mulher* deveria seguir um caminho direto e simples: descobrir seus pontos fortes e realçá-los, enquanto as falhas deveriam ser reduzidas, disfarçadas e esquecidas. Fazendo isso, toda mulher conseguiria ter sua própria personalidade e ser bela. O modelo de embelezamento, ainda de acordo com Vigarello (2006), se apresenta, então, como acessível e realizável, bastando que a mulher opte (modelo individual) por conhecer o seu próprio corpo a fim de aplicar as técnicas do processo de embelezamento mais apropriadas para ele (modelo coletivo).

Infere-se, durante a leitura do fragmento citado, que a leitora teria que controlar seu modo de ser em favor de um bem maior. E qual seria esse bem maior? Ser reconhecida como uma mulher atraente, encantadora, um ser agradável em todos os momentos, com aparência impecável. Ela não teria que pensar a respeito do que fazer para ser admirada, bastava seguir o que estava escrito no livro – Verônica Dengel ensinava o passo a passo. Observa-se, assim, a proposição, para as mulheres, de um controle do corpo, sob vertente física e emocional; ela não era exortada a refletir acerca dos seus próprios anseios, mas sim a se adequar a condutas julgadas como as mais apropriadas – apesar dessa proposta ser feita em contornos sutis, sugerindo que foi uma escolha da própria mulher. “Uma intensa personalização do parecer se impôs como fenômeno de massa e também em princípio imediato de valorização.” (VIGARELLO, 2006, p. 181).

A disseminação do pensamento de que a mulher é a responsável pela escolha do seu estilo, da sua maquiagem, do seu penteado etc., fez com que, consoante Vigarello (2006, p. 182-183), houvesse a ideia de que cada uma pudesse decidir, do começo ao fim, qual seria a sua aparência. A particularidade, desse modo, se transformou em um dever obrigatório. A mulher teria que aprender como “acalmar” o corpo, visando a torná-lo coerente com a imagem que ela projetaria para si (questiona-se se a imagem buscada pela mulher, neste momento, é almejada por ela própria ou pela sociedade da época), realçando os traços que mostravam seguramente o seu “verdadeiro eu”.

O décimo quarto capítulo, intitulado “As roupas fazem a mulher”, d’ *O Livro Azul da Mulher*, discorre sobre a importância de saber escolher a roupa segundo o estilo de vida da mulher e sua personalidade:

Seus vestidos, e isto inclui cada detalhe, devem ser o perfeito **cenário** para sua personalidade. Eles devem juntar confiança a seus modos, segurança e pose à sua conduta. Isto não é vaidade; é apenas a convicção de que suas roupas são tão impecáveis como sua conduta, porque suas roupas devem ajudar a tornar-se o mais atraente possível. (O LIVRO AZUL DA MULHER, 1956, p. 384)

Verônica Dengel aponta que há cinco tipos de personalidade que se adequam a todas as mulheres. A leitora deveria ler a descrição de cada uma, reconhecer a qual delas pertencia e seguir pontualmente as sugestões dadas. Somente assim ela

poderia considerar que se vestia bem, de acordo com o seu estilo de vida e personalidade.

Segundo Tomé (2013, p. 132), “O que se percebe é a veiculação de conselhos e regras sobre o embelezamento do corpo, como algo que deveria evidenciar e representar um modelo de feminilidade compreendido como aparência agradável.”. O cuidado com a aparência, nas décadas de 1950 e 1960, na sociedade brasileira, estava intrinsecamente ligado a felicidade conjugal, que, como demonstra Pinsky (2014), é de responsabilidade, principalmente, da mulher – se ela não se mostrasse bela para o marido, estaria “justificada” a sua atitude de procurar satisfazer-se fora do casamento. “Devido a isso, a boa aparência era algo em que toda mulher casada deveria investir.” (TOMÉ, 2013, p. 132) – acrescenta-se: não somente as mulheres casadas, mas também aquelas que almejavam o matrimônio.

Quadro 1 – Cinco tipos de personalidade, de acordo com Verônica Dengel

<b>Tipo de personalidade</b>	<b>Descrição</b>
Feminil	“[...] pode ser melhor descrito como o das mulheres delicadas, graciosas, em geral pequeninas, com menos de 165 centímetros: suave, românticas, gostando de ser mimadas e de fazer “luxinhos”.”. (O LIVRO AZUL DA MULHER, 1956, p. 366).
Conservador	“[...] indica a mulher de ar reservado, antes convencional nos modos, nas idéias e na conversação, que prefere evitar todos os exageros; e é mais feliz quando se veste discretamente, porque prefere lugares discretos e a companhia de pessoas comedidas.” (O LIVRO AZUL DA MULHER, 1956, p. 366).
Sadio	“[...] é usualmente “maternal”, não importa a idade. É a mulher que se interessa pelos problemas de todos os que a procuram para aconselhar-se ou pedir-lhe ajuda. Ela sempre parece saudável, é amável, gosta de trabalhos pesados e está sempre ocupada com os seus e os problemas alheios. Ela é o sol da terra.” (O LIVRO AZUL DA MULHER, 1956, p. 366-367).
Dinâmico	“[...] é o da mulher ativa, enérgica, mulher de fato, inteiramente capaz de enfrentar qualquer situação. Objetiva em cada idéia ou movimento, não se observa nela nenhuma frivolidade.” (O LIVRO AZUL DA MULHER, 1956, p. 367)
Dramático	“[...] em geral alto e fino, é o da mulher que pode usar os exageros da moda. Pode usar saltos um pouco mais altos, um

	chapéu pouquinho mais audacioso, as grandes bôlsas, luvas bizarras, o <b>make-up</b> mais exótico. A palavra <b>sophisticated</b> em geral define sua aparência. Ela prefere o prêto. Poderá usar as modas mais audaciosas e parecer bem usando-as.” (O LIVRO AZUL DA MULHER, 1956, p. 367).
--	--

Convém questionar se as descrições acima expostas correspondem a todas as mulheres. Não haveria aquelas que não se encaixariam nos perfis propostos? Observa-se que os tipos de personalidades descritas abrangem as características erigidas em torno do sexo feminino relacionadas à amabilidade, o ser maternal, a discrição, o gosto de resolver problemas e de saber se vestir, entre outros. Infere-se que as personalidades listadas referem-se a mulheres que tem certo poder aquisitivo para comprar roupas, acessórios, maquiagem (“Pode usar saltos um pouco mais altos, um chapéu pouquinho mais audacioso, as grandes bôlsas, luvas bizarras, o **make-up** mais exótico.”), ir a lojas, restaurantes etc. (“prefere lugares discretos”), tem conhecimento acerca das tendências de moda (“pode usar os exageros da moda”) e faz parte de um ciclo social distinto (“prefere [...] a companhia de pessoas comedidas.”). Por que as mulheres que questionam a condição de universal que o masculino havia adquirido não estão inclusas nesses perfis? E o que é ser “mulher de fato”?

Nota-se, por meio de frases como a que descreve a personalidade Feminil, “[...] pode ser melhor descrito como o das mulheres delicadas, graciosas, em geral pequeninas, com menos de 165 centímetros [...]”, a naturalização dos corpos e gestos femininos para que esses se adequassem a um perfil de mulher considerado conveniente pela sociedade brasileira da época; perfil esse que é veiculado pelos manuais de comportamento. Apesar de ser exposto cinco perfis diferentes de mulher ideal, tem-se em comum o fato de todos estarem relacionados às características esperadas para o modelo ideal de mulher, que envolviam amabilidade, ser maternal, discrição, gosto por resolver problemas e por saber se vestir, entre outros

A mulher que quisesse ser feminina teria que se adequar a um determinado corpo e comportamento, pois eram eles que forneceriam indícios sobre sua vida pública e privada. Percebe-se, assim, a importância em problematizar as formas de se escrever com prescrições para as mulheres, visto que os manuais de comportamento

buscavam inserir, no cotidiano feminino, certos comportamentos, gestos e hábitos, entendidos, por eles, como intrínsecos ao ser feminino.

Os manuais de instrução femininos [...] tratavam de assuntos e valores correspondentes aos interesses desse grupo social [classe média e alta]. A imagem da mulher veiculada por esses manuais trazia o modelo de perfeição que, em conformidade com o imaginário da época, obedecia às normas sociais pensadas para o feminino, segundo as quais a felicidade estava centrada na realização das tarefas consideradas próprias do gênero, como a maternidade, o casamento e o lar. (TOMÉ, 2013, p. 133)

Louro (2003) chama a atenção para a importância em problematizar como se deu a construção social e histórica das características associadas, a priori, ao sexo masculino e ao sexo feminino. É necessário atentar para o processo de construção das bases dos estereótipos, destacando a pluralidade existente nas representações em torno dos homens e das mulheres, e observando, também, os distintos momentos históricos e sociedades.

Desse modo, a utilização do Gênero como uma categoria de análise torna-se fundamental. A categoria compreende os sujeitos como portadores de identidades plurais, móveis; e recoloca o debate sobre a construção e reprodução das relações entre os sujeitos no campo social – é por intermédio das relações sociais que os sujeitos constroem as suas identidades, que são permeadas pelos discursos, práticas e representações existentes na sociedade de cada época; problematiza as relações de poder. Ressalta-se, no entanto, que Gênero não se relaciona ao estudo da construção de papéis masculinos e femininos, uma vez que tal entendimento poderia circunscrever a problematização às regras ou padrões determinados por determinada sociedade, em determinada época, para os homens e mulheres.

Percebe-se, simultaneamente, na leitura do quadro sobre as personalidades idealizadas, para as mulheres, por Verônica Dengel, que, apesar de haver a propagação da idéia da importância da particularidade na escolha dos procedimentos dos cuidados de si, as mulheres são associadas a traços já determinados anteriormente. Será que a mulher poderia realmente escolher o seu estilo, maquiagem, penteado etc.? “[...] tudo parece feito para que a escolha individual possa se sobressair até o fim; tudo parece feito para que a responsabilidade de cada um, até mesmo seu sentimento de fracasso, prevaleça em caso de embelezamento ‘limitado’.” (VIGARELLO, 2006, p. 188). Expõe-se que é um dever da mulher buscar meios para se apresentar com

aparência (relacionada à beleza e personalidade, simultaneamente) impecável; o sucesso ou fracasso nesse empreendimento são de responsabilidade dela.

O “ideal” é prescrito de outra maneira: não mais o recurso ao argumento de autoridade, troca vertical e indiscutível, mas insistência nas escolhas individuais, a realização de si. [...] A ordem não é mais forçada: a convicção vem de dentro, é diferente para cada um. (VIGARELLO, 2006, p. 185)

A partir da década de 1960, embelezar-se associava-se a luta contra o envelhecimento, a suposição<sup>2</sup> de uma autorização para a mulher estar consigo mesma e cuidar do corpo. Foi sendo introduzido um cuidado com o corpo e com a aparência, no qual a massa de cada indivíduo passou a ser “integrada à identidade de cada um”. “Era o começo da tentativa de casar a dieta com o prazer de comer” (SANT’ANNA, 2012, p. 117). Os regimes alimentares passaram a adquirir grande importância nas dicas direcionadas às mulheres. Elas eram aconselhadas a se esforçar ao máximo para ter uma aparência jovem e magra.

De acordo com Lipovetsky (1997, p. 134-135), a valorização de um corpo flexível, delgado e jovem encontra relação, entre outros pontos, com a promoção das atividades de praia e lazer, a desnudação dos corpos (*short, bikini*), as transformações da moda nos anos 1960, vestidos, calças, saias curtas relevando as pernas e as nádegas, peças de vestuário justas; além disso, há também o desenvolvimento dos métodos de contracepção e as motivações profissionais. Essas transformações auxiliaram a desqualificar as marcas da inércia e sedentarismo do corpo feminino.

O ideal de beleza feminino do guia *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar*, de meados da década de 1960, estava relacionado à boa alimentação, a atenção conferida aos lançamentos dos produtos da indústria de bens e consumo e ao comportamento. As mulheres teriam que estar cientes da importância da Aparência Pessoal, que incluía os aspectos já mencionados juntamente com o estudo de Economia Doméstica, para que fossem vistas como belas por sua família e pela sociedade.

Nós mulheres de todos os tempos, sempre nos preocupamos com o excesso de banha. Antigamente, usavam meios mecânicos para combatê-lo, e era à custa do “muque” do Praxedes ou das mucamas – e de muito sofrimento – que se afinavam as cinturas! [...]

---

<sup>2</sup> Além da opinião masculina ainda apresentar forte valor no mencionado período, “[...] ainda não se sabia muito bem o que significava escutar o próprio corpo” (SANT’ANNA, 2014, p. 112).

Hoje ainda temos tendência para engrossar a cintura – e continua a luta constante contra os quilos em excesso – com a diferença que usamos métodos científicos, especialmente regimes alimentares. (DICAS E CONSELHOS PRÁTICOS PARA O LAR. Vol. 2, s/d, p. 47)

Esse fragmento foi extraído do capítulo “Não engordar”, do segundo volume de *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar*, cuja temática envolve o vínculo entre alimentação, aparência e saúde. Nele, há a sugestão de que a mulher não engorde, a fim de conservar melhor a sua aparência. Quando do início dos regimes alimentares, no entanto, recomenda-se prestar atenção para como tal procedimento iria ser realizado, uma vez que o método escolhido poderia acarretar conseqüências, tanto positivas como negativas, para a saúde – a mulher tem que permanecer saudável, mesmo se submetendo aos regimes alimentares, pois é a responsável por preparar a alimentação de toda a família, executar os afazeres domésticos, cuidar do marido e filhos etc. Observa-se que o trecho exposto apresenta como intrínseca e natural a relação entre a mulher e o desejo de alcançar/manter um corpo magro. Nota-se a utilização da referência do saber científico como forma de embasar a proposta do guia concernente aos regimes – de acordo com Duarte (2005), a menção ao saber científico era utilizada como forma de corroborar o discurso trazido pelos veículos de informações.

É válido ressaltar, todavia, que, apesar desta pesquisa apresentar exemplos de conselhos de beleza direcionados às mulheres, durante as décadas de 1950 e 1960, tal fato não implica em afirmar que somente o que foi exposto era aceito e seguido. É interessante ter em mente que as mulheres poderiam apresentar pensamentos, condutas, anseios, ideais diferentes entre si.

O embelezamento (SANT’ANNA, 2014, p. 16), sobretudo na segunda metade do século XX, transformou-se em uma prova de amor a vida e a si mesmo, não somente um dever, mas um merecido prazer; não simplesmente um truque para ser amado, mas uma técnica para se sentir adequado, limpo e decente. O processo de embelezamento, assim, vai se constituindo segundo padrões construídos, por exemplo, pela imprensa e guias, que disseminavam conselhos sobre o que fazer para tornar-se bela, admirável, atraente, como controlar o corpo a fim de conseguir esses mesmos fins, quais produtos comprar para auxiliar nesse processo etc.

Ressalta-se, todavia, como aponta Tomé (2013), que apesar de haver inúmeros produtos oferecidos pela indústria de bens e consumo para proceder ao processo de embelezamento, era possível encontrar nos guias receitas de creme caseiros

para passar na pele e no cabelo. Isso acontecia, sobretudo, porque uma das características da boa esposa era ser econômica (na medida certa, no sentido de que, se seu marido tivesse boa condição financeira, ela não poderia gastar demais, mas também não poderia privar-se de comprar, por exemplo, acessórios, maquiagem e boas roupas a fim de mostrar-se com boa aparência ao esposo e seus amigos, à sua família).

Tecendo uma comparação sobre a presença de receitas caseiras em dois manuais de comportamento, fontes de pesquisa desta dissertação, *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar* fornece várias receitas de cremes caseiros para que a leitora fizesse e o aplicasse no âmbito da casa, utilizando, se possível, produtos que já tivesse adquirido anteriormente. A aquisição de produtos proposta por *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar* está mais relacionada àqueles que auxiliariam a execução dos afazeres domésticos de modo prático e eficiente. Já *O Livro Azul da Mulher*, embora também concedesse receitas caseiras de creme para pele e cabelo, shampoo, condicionador, estimula o consumo de produtos industrializados, principalmente os produtos de higiene e embelezamento, e a ida, se necessário, a salões de beleza.

Revistas e manuais de comportamento propagavam a idéia de que eles seriam os guias das mulheres na busca por sua real beleza. Exemplo disso é a seção permanente “Eu tenho um problema de beleza...” (criada em setembro de 1964) da revista *Claudia*:

“Eu tenho um problema de beleza...” é como começam muitas das cartas que Claudia recebe de suas leitoras, pedindo uma sugestão sobre tal ou qual creme, um conselho sobre como disfarçar uma ruga extemporânea, uma indicação para domar os cabelos rebeldes e assim por diante.

“Eu tenho um problema de beleza...” vira, a partir deste mês, o título da nova seção permanente de Claudia, destinada a publicar as cartas sobre o assunto, com as devidas respostas, elaboradas por nossa especialista em Beleza, Alda Ravasco.

Bastará escrever para Claudia contando o problema, que carta e resposta virão aqui em letra de fôrma, um conselho, um palpite inteligente, uma ideia diferente e até algum truquezinho capaz de acabar com os mais renitente dos complexos. (“Eu tenho um problema de beleza...”. In: CLAUDIA. Ano IV, N. 36, São Paulo: Editora Abril, setembro de 1964, p. 24)

A revista *Claudia*, publicada pela Editora Abril, lançada em 1961, tinha como público alvo a dona de casa de classe média, casada e mãe, que dedicava seu tempo à família e que poderia influenciar na aquisição de bens de consumo; e continha

em média 193 páginas, com tiragens de 175.000 a 200.000. Tal seção se propunha a ajudar a leitora a torna-se ainda mais bela, por intermédio da propagação de dicas (exemplo: para eliminar cravos do rosto, aconselha-se a limpeza da pele e massagem, aplicação de um creme mais gorduroso, o uso de uma bacia, longe do rosto, contendo água fervendo, para que o vapor da água abra os poros, e, então, com os dedos envoltos de um papel absorvente, a retirada dos cravos) que, por vezes, poderiam ser executadas em âmbito doméstico, por elas próprias, como também poderiam precisar do auxílio de algum produto da indústria de bens e consumo.

Infere-se que havia uma demanda, nesse período, pelo acesso a informações sobre procedimentos de embelezamento e acerca dos produtos da indústria de bens e consumo relacionados ao cuidado com a aparência, haja vista que a justificativa utilizada por *Claudia* para a criação da seção “Eu tenho um problema de beleza...” estava centrada no pedido das leitoras por conselhos de beleza (““Eu tenho um problema de beleza...” é como começam muitas das cartas que Claudia recebe de suas leitoras, pedindo uma sugestão sôbre tal ou qual creme [...]”)

É válido ressaltar, contudo, a imprensa não é neutra. Em revistas da imprensa feminina, nas entrelinhas da difusão de receitas de culinária, conselhos de embelezamento etc., existe uma preocupação com a escolha do conteúdo que será repassado às leitoras, para que tudo, em suas páginas, tenham coerência entre si (matérias, anúncios publicitários, testes) – apesar de podermos encontrar, como é o caso da revista *Claudia*, questionamentos, ao longo das páginas de uma publicação, sobre os ideais difundidos pela própria revista (a jornalista Carmen da Silva, responsável pela seção “A Arte de Ser Mulher”, interroga o motivo da associação entre a mulher e as funções de boa mãe, esposa e dona de casa); atenta-se, para o propósito de cada revista, sua relação com o público leitor e com os anunciantes etc.

Como indica Pinsky (2014), as publicações das revistas femininas veiculam idéias do seu tempo, marcadas pelo contexto histórico. A revista auxilia a formação de padrões de consumo, de comportamento, de pensamentos etc., que faziam sentido em uma determinada época. O conteúdo transmitido às leitoras, contudo, não apresenta idéias revolucionárias assim como não se distancia demais das transformações por qual a sociedade passa – busca-se um equilíbrio entre esses dois pontos visando a, sobretudo, atrair/conservar o seu público leitor.

Pode-se inferir, por meio da leitura do fragmento da seção “Eu tenho um problema de beleza”, que, para os responsáveis pela criação/edição da revista *Claudia*, as mulheres, permanentemente, precisariam do auxílio deles para resolver os seus “problemas de beleza”. Questiona-se, entretanto, o motivo da associação de “cabelos rebeldes” e “rugas extemporâneas” a problemas de beleza. Questiona-se o porquê da necessidade em disseminar certos comportamentos entendidos, pela sociedade e determinados veículos de informação da época, como mais apropriados.

O desenvolvimento de técnicas em torno dos procedimentos que envolvem o ato de embelezar-se implica em aprender como usá-las, em saber qual delas é mais indicada para o seu objetivo, em conhecê-las e repassá-las para outras pessoas. Conforme Novaes (2013), tal fato, ao mesmo tempo em que possibilita ter conhecimento acerca do próprio corpo, o seu funcionamento, as suas sensações, o que é ou não melhor para ele; acarreta um controle físico e mental sobre esse mesmo corpo.

Desse modo, é interessante acentuar que o estudo acerca do embelezamento, para além de destacar alterações na aparência dos indivíduos, confere vestígios sobre distintos momentos da vida, no caso, das mulheres – o que pode ser analisado a partir da problematização das produções de sentido erigidas em torno do ato de embelezar-se proposto para elas, por manuais de comportamento e imprensa.

Durante as décadas de 1950 e 1960, consoante Bassanezi (1996), o casamento, maternidade e trabalho doméstico eram entendidos como as razões da felicidade do sexo feminino. Para que a mulher fosse considerada boa dona de casa, as prendas domésticas eram de fundamental importância. Seu bom desempenho influenciava a harmonia do lar, englobando aspectos como a limpeza da casa (que deveria ser feita sem incomodar o marido), o preparo de uma boa comida, e a preocupação em proporcionar um ambiente organizado e aconchegante para o homem. Acrescido às prendas, no entanto, era essencial que ela conseguisse manter ou buscar ter uma boa aparência, visto que fazer-se bonita auxiliava a conservação do casamento – a esposa conseguiria prender a atenção do marido e diminuiria as chances de perdê-lo. “Mas atenção: trata-se de cuidar melhor da aparência pessoal sem, no entanto, descuidar-se dos afazeres domésticos” (PINSKY, 2014, p. 225).

Para começar [o dia], seja a primeira a levantar-se. Faça rapidamente sua toalete matinal, para que a vejam bonita e fresca como uma rosa; isto

contribui mais do que pensa para incentivar a boa vontade e a confiança geral. Mostrar-se em trajes de dormir, emaranhados e deselegantes, é um desastre; esse desleixo pode favorecer a diminuição do respeito que lhe é devido e, por conseqüência, o clima respeitoso que deve reinar no lar. Em seguida, providencie o desjejum (aliás, a mesa pode ser arrumada à noite, antes de deitar, o que poupa minutos preciosos pela manhã). Tire os dorminhocos da cama e obrigue-os a proceder à própria toailete antes do café. Quando houverem tomado esta primeira refeição, lave imediatamente os objetos utilizados, guardando-os em seus respectivos lugares. (BIBLIOTECA DO LAR, s/d, p. 25)

O guia *Biblioteca do Lar*, em seu primeiro capítulo, no tópico “Tarefas diárias”, indica quais as tarefas domésticas deveriam ser feitas pelo período da manhã e como deveriam ser realizadas, além de ressaltar a importância da boa aparência para a mulher a fim de “incentivar a boa vontade e a confiança geral” –“A beleza feminina [...] [é um caminho] para o sucesso e o bem-estar, o equilíbrio e o êxito.” (LIPOVETSKY, 1997, p. 173). É válido atentar, no entanto, para o fato de que o ato de embelezar-se é passado para a leitora como uma prática normal, corriqueira em seu cotidiano, devendo ser conciliada com os afazeres domésticos. Naturaliza-se o comportamento da mulher a um determinado padrão de feminilidade.

O processo de embelezamento é apresentado para a mulher como algo que poderia ser adquirido e cultivado, dependendo, para isso, somente da disponibilidade dela para organizar-se a fim de conhecer as técnicas (divulgadas em manuais de comportamento, periódicos, revistas), obter recursos para comprar os produtos de beleza ou fazê-los – alguns guias, como *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar*, forneciam a receita de cremes caseiros para suas leitoras –, e dividir seu tempo, ao longo do dia, entre os cuidados de si e os afazeres domésticos. “Mas, para além das aparências, o objetivo é uma verdadeira modelagem do corpo, que implica um estilo de vida: regime alimentar, dia-a-dia mais ativo, exercícios apropriados.” (SCHPUN, 1999, p. 13)

Nota-se, assim, a produção de sentido erigida pelo manual de comportamento *Biblioteca do Lar* acerca da mulher, tendo como ponto de partida a sua aparência. A beleza, entendida, nesse caso, como um atributo necessário, é apresentada como fator fundamental para o estabelecimento de uma boa relação entre a mulher e os membros da família, interferindo no modo como ela é percebida por eles e na forma em como ela própria se percebe. Vigarello (2006, p. 10) aponta que a história da beleza, além de carregar os imaginários que afluem à superfície dos corpos, das mobilidades,

dos ritmos, também compreende as marcas do porte e da postura, e a surpresa dos sentidos.

## **Fontes**

### MANUAIS DE COMPORTAMENTO

BONINI, Íside M. **Biblioteca do Lar** – Orientação Indispensável à Família. São Paulo: Gráfica e Editôra “EDIGRAF” S.A., s/d.

DENGEL, Verônica. **Beleza e Personalidade por Verônica Dengel** – O Livro Azul da Mulher. Tradução e adaptação Elza Marzullo. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1956.

DICAS E CONSELHOS PRÁTICOS PARA O LAR. Volume 1; Rio de Janeiro: Renovada Livros Culturais Ltda., s/d.

\_\_\_\_\_. Volume 2; Rio de Janeiro: Renovada Livros Culturais Ltda., s/d.

\_\_\_\_\_. Volume 3; Rio de Janeiro: Renovada Livros Culturais Ltda., s/d.

### REVISTAS

CLAUDIA. Ano IV, N. 36, São Paulo: Editôra Abril, setembro de 1964.

\_\_\_\_\_. Ano IV, N. 38, São Paulo: Editôra Abril, novembro de 1964.

\_\_\_\_\_. Ano IV, N. 39, São Paulo: Editôra Abril, dezembro de 1964.

\_\_\_\_\_. Ano V, N. 49, São Paulo: Editôra Abril, outubro de 1965.

\_\_\_\_\_. Ano V, N. 50, São Paulo: Editôra Abril, novembro de 1965.

\_\_\_\_\_. Ano V, N. 51, São Paulo: Editôra Abril, dezembro de 1965.

\_\_\_\_\_. Ano VI, N. 53, São Paulo: Editôra Abril, fevereiro de 1966

\_\_\_\_\_. Ano VI, N. 55, São Paulo: Editôra Abril, abril de 1966

## **Referências**

BASSANEZI, Carla Beozzo. **Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. [Tradução: Maria Helena Kühner]. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa brasileira**. São Paulo: Loyola, 1981.

BUTTNER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. [Tradução: Renato Aguiar]. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. **Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

ECO, Umberto. **História da beleza**. [Tradução Eliana Aguiar]. 4ª. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2014.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. [Introdução à edição brasileira Alcir Pécora; tradução Cristiane Nascimento; revisão da tradução Angel Bojadsen]. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher. Permanência e revolução do feminino**. [Tradução: Maria João Batalha Reis]. Instituto Piaget, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

LUCA, Tania Regina de. Mulher em revista. In: BASSANEZI, Carla (org.); PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MELLO, João Manuel de Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NOVAES, Joana de Vilhena. **O intelorável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Garamond, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. [Tradução: Viviane Ribeiro]. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SCHPUN, Monica Raisa. **Beleza em jogo**. Cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo, SP: Boitempo Editorial / SENAC, 1999.

TOMÉ, Dyeinne Cristina. **Modas e modos domésticos: os manuais de instrução femininos e a educação da mulher – décadas de 1950 e 1960**. 144p. Dissertação – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2013.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. [Tradução Léo Schlafman]. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.